

O acesso ao material
Bibliográfico está
disponível apenas para
consulta local.

O Boletim Cenedom é destinado à difusão regular do acervo e das atividades do Cenedom, como estudos, pesquisas e publicações sobre museologia e sobre o campo museal.

Dúvidas ou sugestões, envie um email para cenedom@museus.gov.br

novidades • destaques • conheça +

Boletim Bibliográfico



Centro Nacional de
Estudos e Documentação
da Museologia



Nº 38 / Setembro 2015

PATRIMÔNIO E MEMÓRIAS INDÍGENAS

Muito se tem discutido a respeito da preservação, proteção e salvaguarda das várias memórias e patrimônio que compõem a cultura brasileira. Somos constituídos por ricas e inumeráveis marcas identitárias, que desenharam nossa nação da forma como ela é: multicultural, plural, diversa.

Buscando valorizar essa herança e traço cultural, o Ibram traz em sua 9ª Primavera dos Museus o tema **Museus e Memórias Indígenas**. O evento, realizado anualmente, objetiva estimular a reflexão, a discussão e a troca de experiências em torno de temas relevantes não apenas para o campo museal como também para toda a sociedade.

Em 2015, o evento se fortalece por ser também o ano em que o Decreto nº 3.551, de 4 de agosto de 2000, que instituiu o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial, completa 15 anos de promulgação.

9ª
PRIMAVERA
DOS MUSEUS

MUSEUS E
MEMÓRIAS
INDÍGENAS



Especialmente para as comemorações desse ano, o Museu do Índio/Funai, em parceria com o Ibram, elaborou um texto (http://eventos.museus.gov.br/docs/9%C2%AA_Primavera_dos_Museus_MUSEUS_E_MEM%C3%93RIAS_IND%C3%8DGENAS.pdf) que trata dos museus como meio para inserção das populações indígenas no mundo contemporâneo, ressaltando essas instituições como facilitadoras do diálogo intercultural.

Nesse sentido, apresentamos nesta edição do Boletim Cenedom bibliografias especializadas na temática **Patrimônio e Memórias Indígenas**, mas que igualmente abordam questões relativas à atualização, ao enriquecimento e à renovação do nosso olhar sobre esses povos.

A fim de compartilhar a riqueza do material encontrado no acervo do Cenedom, inauguramos nesta edição uma seção extraordinária, denominada **Catálogos**, visando divulgar trabalhos que valorizam a cultura, os povos e o patrimônio indígena brasileiro.

Boa leitura!

HISTÓRIA REPRESENTADA: O DILEMA DOS MUSEUS

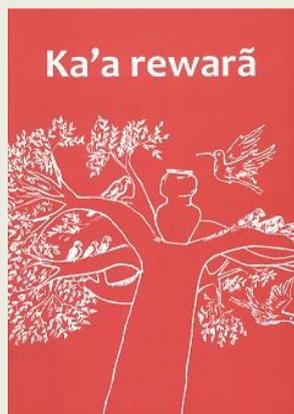
BITTENCOURT, J. N.; BENCHETRIT, S. F.; BOTTREL, V. L.. **História representada: o dilema dos museus**. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2003.



A presente publicação é produto das discussões e debates ocorridos no Seminário Internacional homônimo realizado no Museu Histórico Nacional, no Rio de Janeiro, em 2002, que contou com 43 expositores em mesas-redondas e conferências (13 ao todo). Em seu prefácio, o livro pontua que é necessário localizar a importância da memória e do patrimônio cultural na construção do Brasil enquanto nação, tendo os museus destacado papel. A relação da publicação com o tema geral adotado nesta edição do Boletim se dá principalmente pelo entendimento de que os museus, independente de sua tipologia, temática, porte, todos devem refletir sobre quais narrativas têm adotado, sobre como se dá a constituição dos seus acervos, sobre problemáticas relativas às exposições, sobre seus espaços físicos e como eles interferem em sua relação com o visitante e com o contexto em que estão inseridos. Dessa forma, as escolhas museológicas cotidianas, feitas especialmente para aquisição/descarte de acervos e para montagem de exposições, implicam na construção de um discurso que tensiona questões de identidade/alteridade, resultando em preterimento/prevalência de um ou outro conteúdo. Nesse contexto, deve-se atentar para as várias faces e para a diversidade existente de visões e versões sobre nosso país, cultura, história, procurando privilegiar o debate, a troca e a reflexão a cerca do que temos como passado e como presente, e o que queremos como futuro. Destacam-se nesta publicação o artigo que trata especificamente de experiência ocorrida no Museu do Índio (páginas 157 a 172) e o que enfatiza a necessidade de abordagem múltipla da identidade nacional, com características plurais e alternativas (páginas 183 a 196).

KA'A REWARÃ

GALLOIS, Dominique Tilkin (Org.). **Ka'a Rewarã**. Pesquisadores Wajãpi. Apina & Iepé: Macapá, 2011.



Com a publicação do Decreto nº 3.551/2000, os bens de natureza imaterial passaram também a ser alvo de políticas públicas. Isso significou a mudança no paradigma do que era entendido como patrimônio, passando a contemplar manifestações carregadas de relevância para a formação cultural nacional. Também reposicionou a dimensão simbólica dos bens no processo de construção dos patrimônios culturais no nosso país, trazendo à tona temas complexos e sensíveis como a exclusão/inclusão da memória das diversas matrizes culturais brasileiras, o significado do preceito constitucional dos “direitos culturais” e a questão da identidade nacional. Assim, na perspectiva da “dilatação da memória histórica” – como coloca o historiador Jacques Le Goff (LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.) – apresentamos este livro quase totalmente escrito na língua do povo indígena Wajãpi, que reúne explicações sobre diferentes tipos de recursos ambientais e seus diferentes usos, seja pelos homens ou pelos animais. Os textos, os desenhos e a maioria das fotos que compõem o livro são de autoria de seis pesquisadores Wajãpi – Sava, Kupena, Ana, Jatuta, Japukuriwa e Patire –, produzidos entre 2008 e 2011. O livro buscou articular as pesquisas desses seis jovens indígenas que analisam o conhecimento tradicional e os diferentes ambientes e recursos. Entendendo a própria língua como bem a ser preservado e salvaguardado, o livro encerra com um breve texto elaborado pelos próprios pesquisadores Wajãpi, explicando quais os usos que a publicação pode ter – e esses usos extrapolam o âmbito indígena e nos confrontam a um relacionamento estreito e respeitoso com esse importantíssimo viés identitário brasileiro.

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL E POVOS INDÍGENAS

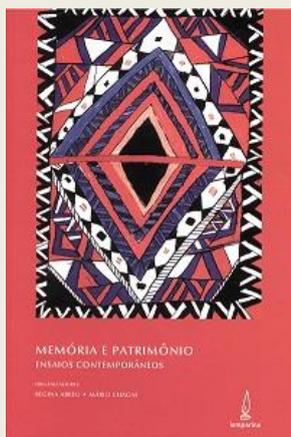
GALLOIS, Dominique Tilkin (Org.). **Patrimônio Cultural Imaterial e Povos Indígenas**. Exemplos no Amapá e Norte do Pará. Iepé: Macapá, 2006.



A valorização das línguas, danças, canções, celebrações, tradições, conhecimentos e outras formas de manifestações sociais, isto é, a preservação e a proteção do próprio modo de ser e interpretar a vida dos povos indígenas é um esforço que precisa estar em constante movimento, inovação e revolução. Necessita-se envolver uma gama extensa de atores sociais, exigindo deles habilidades, técnicas, recursos, capacidades e uma perspectiva crítico-analítica que transcende o senso comum da cosmovisão Ocidental, muitas vezes arraigado de preconceitos, julgamentos descontextualizados e tendências comparatistas. A presente publicação é uma dessas iniciativas e propõe apresentar formas novas de registro e difusão dos elementos culturais compartilhados por povos indígenas, os quais integram e exercem um papel fundamental no desenvolvimento da historicidade, estrutura sócio-cultural e projeto de nação brasileira. A publicação, fruto do trabalho do Instituto de Pesquisa e Formação em Educação Indígena (Iepé - <http://www.institutoiepe.org.br/>), apresenta o legado cultural intangível dos grupos indígenas Tiriyo, Katxuyana, Aparai, Wayana, Wajãpi, Galibi do Oiapoque, Karipuna, Galibi-Marworn e Palikur, que vivem no Amapá e no norte do Pará. Abrangendo seus modos de conhecer, ver, dizer, trocar e fazer, os diferentes domínios da vida cultural desses grupos são apresentados com o objetivo de identificar alguns elementos de seu patrimônio imaterial. O estudo ainda visa externar também a incomensurável riqueza cultural – não apenas do ponto de vista da pesquisa antropológica, mas de todas as áreas do conhecimento humano – da perspectiva indígena, sobretudo sua lógica sócio-biológica ímpar de construção de saberes e de relação com o mundo natural.

MEMÓRIA E PATRIMÔNIO: ENSAIOS CONTEMPORÂNEOS

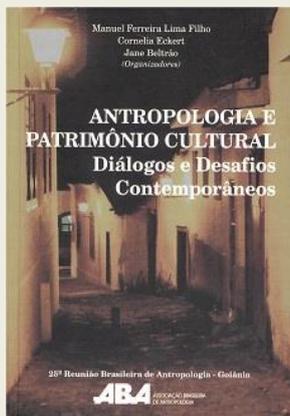
ABREU, Regina e CHAGAS, Mario (Orgs.). **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro, DP&A, 2003.



Composta por 16 textos, a presente obra é fruto do trabalho de pesquisadores de diversas áreas e é apresentada em seções divididas por reproduções de imagens da arte Kusiwa, de pinturas corporais e de artes gráficas do povo Wajãpi do Amapá — esta última, aliás, é o primeiro bem cultural indígena registrado no Livro de Registro de Saberes do Patrimônio Imaterial do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). O livro traz reflexões conceituais – patrimônio como constructo social – e debates sobre os lugares de memória que salvaguardam e comunicam patrimônios culturais. A dimensão intangível do patrimônio cultural, considerada para efeito de registro e valorização a partir do Decreto nº3.551/2000, é marca particular do livro, e é exemplificada em textos sobre saberes e patrimônio genético, itens contemplados na primeira parte da obra. Os museus, como espaços de memória institucionalizada e/ou de ação politizada, são discutidos nos textos ora em relação à produção de uma memória política nacional, ora no tocante às experiências por eles proporcionadas, ou ainda ao trabalhar culturas étnicas. Uma certa apropriação desses espaços pelos povos indígenas permite observá-los como *locus* de conhecimento e mesmo de mobilização, entre outros aspectos, sendo abordados como meio impactante identitariamente para tais grupos.

ANTROPOLOGIA E PATRIMÔNIO CULTURAL: DIÁLOGOS E DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS

LIMA FILHO, Manuel F.; BELTRÃO, Jane F.; ECKERT, Cornelia (Orgs.). **Antropologia e Patrimônio Cultural: diálogos e desafios contemporâneos**. Blumenau: Nova Letra, 2007.



Realizado na cidade de Goiás em 2006, o Colóquio que deu origem ao livro ora apresentado reuniu vários especialistas brasileiros e estrangeiros sob o tema “Patrimônio”, discutindo o papel do antropólogo nos museus e os dilemas enfrentados por esses profissionais no trabalho de salvaguarda da arte dos povos tradicionais. Mais especificamente o patrimônio em sua vertente “intangível” foi abordado por meio de debates e estudos, além de relatos de experiências relacionadas com o campo profissional. O reconhecimento e a divulgação do patrimônio imaterial de populações tradicionais são questões recorrentes ao longo da publicação, ganhando especial destaque no texto de Priscila Faulhaber – relato de experiência de transformação de saberes indígenas em *CD*. Há ainda uma reflexão sobre a migração dos índios Pankararu em Pernambuco e sobre a atividade dos antropólogos nos museus, tomando como exemplo o Museu do Índio/Funai (RJ). Dessa forma, o livro reforça a articulação existente e cada vez mais forte entre as noções de direitos, bens e identidades nas discussões sobre patrimônio e exercício da cidadania na contemporaneidade. Também busca elucidar o potencial existente nas relações entre museus e público, por estas possibilitarem o confronto das visões de mundo e de identidade social destes com as de outros povos.

AS ESTRATÉGIAS INDÍGENAS DE RESGATE DO “PATRIMÔNIO CULTURAL” LOCAL COMO MEIO DE RECONHECIMENTO POLÍTICO: UMA REFLEXÃO SOBRE O IMPACTO DAS PESQUISAS NAS TERRAS INDÍGENAS

GRILLINI, Felippo Lenzi. *As estratégias indígenas de resgate do “patrimônio cultural” local como meio de reconhecimento político*: uma reflexão sobre o impacto das pesquisas nas terras indígenas. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário de S.; SANTOS, Myrian S. dos (Orgs.). **Museus, Coleções e Patrimônios**: narrativas polifônicas. Rio de Janeiro: Garamond, MinC/IPHAN/DEMU, 2007. (Coleção Museu, Memória e Cidadania)

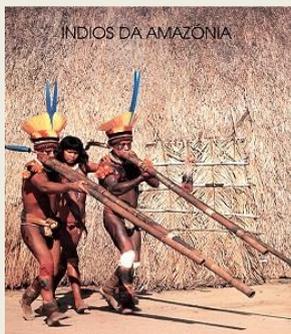


Segundo Filippo Grillini, autor do presente artigo, o movimento indigenista contemporâneo é marcado por uma peculiaridade: o protagonismo dos *índios misturados* – “também definidos como emergentes ou ressurgidos” – ou mais precisamente os índios resistentes. Quanto à classificação, explica o autor, os próprios índios preferem o termo “resistentes para salientar sua resistência às ameaças contínuas da sociedade, ameaças que terminam com descaracterização total da organização social e cultural”. A publicação aborda estratégias adotadas por um povo indígena resistente – os Xacriabás, população de 7.000 índios, do norte de Minas Gerais. Essas estratégias envolviam, por exemplo, novos rituais e costumes em todas as ocasiões públicas em que pessoas externas ao grupo estavam presentes, com fins de dar maior visibilidade à diferença étnica do grupo, ganhar reconhecimento e garantir o direito de serem proprietários de terra indígena. O autor argumenta que esse processo político – que remonta ao período de luta pela terra – reduziu o universo cultural dos Xacriabás a elementos palpáveis, referindo-se “exclusivamente aos âmbitos principais das esferas religiosas, às danças, aos rituais e aos costumes”, ou seja, em fatos fáceis de serem exibidos e apresentados em público. Contudo, o autor defende que, com o advento do Brasil pós-constituente, o Estado contemporâneo de direito tem favorecido e incentivado a retomada da cultura indígena espontânea. A atual estrutura de deveres e direitos despertou a autoafirmação dos povos indígenas, garantindo um ambiente social e político propício para os denominados *índios misturados*, ou autodenominados *resistentes*, recriarem sustentavelmente e com segurança jurídica a própria comunidade e a própria identidade étnica.

CATÁLOGOS

ÍNDIOS DA AMAZÓNIA

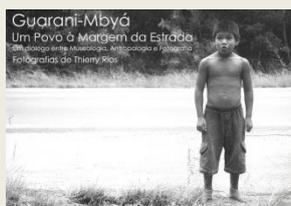
Instituto de Investigação Científica Tropical. Museu de Etnologia. **Índios da Amazônia**. Lisboa, 1986.



O texto de abertura do catálogo classifica o acervo exposto como “o mais rico e mais belo ‘legado’ cultural ameríndio” que o Museu de Etnologia do Instituto de Investigação Científica Tropical dispõe. Esta afirmação estimula à curiosidade para conhecer “os corpos e as almas, as vozes e as mãos, o som, a festa, a vida e a morte, a identidade original e o universo de tantos povos com capacidade ímpar para (...) sobreviver numa região única no universo”. O catálogo enriquece a exposição – realizada em 1986 – ao trazer textos que detalham a presença do índio brasileiro em 12 museus portugueses e ao apresentar o que são os objetos expostos, qual o contexto em que eles “viveram”, qual o seu significado cultural, seus aspectos funcionais e os grupos documentados (16 ao todo). A publicação é repleta de fotos que retratam artefatos, indumentárias, rituais, instrumentos musicais, a vida cotidiana, as pessoas, o ambiente em que viviam, a arte. É material indispensável àqueles que desejam se aprofundar no conhecimento sobre a vasta cultura indígena da Amazônia.

GUARANI-MBYÁ: UM POVO À MARGEM DA ESTRADA

Museu Antropológico do Rio Grande do Sul (MARS). **Guarani-Mbyá: um povo à margem da estrada**. Um diálogo entre Museologia, Antropologia e Fotografia. (Fotografias de Thierry Rios). Rio Grande do Sul, 200



A exposição realizada no Museu Antropológico do Rio Grande do Sul traz um conjunto de fotografias de Thierry Rios capturadas por um olhar incomodado com a situação dos índios Mbyá que viviam em acampamentos às margens da BR 116 no Rio Grande do Sul. As fotografias ganham tom de denúncia ao apresentarem condições de vida desse povo. Thierry não só fotografou como se aproximou e se envolveu com este grupo, o que lhe possibilitou enxergar, além das imagens a serem capturadas, a realidade vivida pelos Mbyá. O catálogo conta ainda com pequenos textos de Regina Abreu e Fernando Schiavini, que abordam, respectivamente, o papel do museu como instância de aproximação entre índios e não-índios (cultural, social e colaborativamente), e a resistência ideológica de grupos étnicos. Para conhecer mais sobre os Mbyá, visite a página do Programa de Apoio às Comunidades Indígenas Mbyá-Guarani – BR116/RS: <http://mbyaguaranibr116.org/>.

INFORMAÇÕES

O acesso ao material bibliográfico está disponível apenas para consulta local.

Dúvidas ou sugestões, envie um email para cenedom@museus.gov.br

Endereço:

SBN Q. 2 Lt. 08, Bl. “N” - Ed. CNC III – 1º Subsolo
(61) 3521-4201 email: cenedom@museus.gov.br

Horário de Funcionamento:

Segunda: das 13:00 às 18:00
De terça a sexta: das 09:00 às 18:00